

CYBERBULLYING E O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL¹

Carla Alessandra Teixeira²

Luciene Corrêa de Miranda Moreira³

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo investigar a ocorrência de transtornos mentais, ideação suicida e suicídio em adolescentes que sofreram *cyberbullying*, além de analisar o papel da psicologia, em especial, da psicologia escolar, no apoio a essas vítimas. O *cyberbullying* trata-se do uso de tecnologias, como redes sociais e demais mídias sociais para assediar, roubar senhas, enviar imagens depreciativas, constranger e humilhar outro indivíduo, tendo como cenário a internet. Como aporte teórico foram utilizados artigos científicos encontrados no Google Acadêmico, Scielo e Pepsic. Este trabalho se trata de revisão bibliográfica narrativa qualitativa exploratória. Com os resultados foi possível perceber que os adolescentes, por estarem em um período de desenvolvimento biopsicossocial marcado por dificuldades, tornam-se particularmente vulneráveis a sofrer e praticar o *cyberbullying*. A psicologia executa um papel importante no suporte a essas vítimas, sendo capaz de realizar programas de prevenção, promover a conscientização sobre o uso responsável da internet. Em contexto clínico, intervém em equipe multidisciplinar, diretamente com as vítimas que apresentam transtornos mentais. Na conjuntura escolar, a psicologia escolar é responsável por confrontar essa problemática, buscando soluções para diminuir a disseminação do *cyberbullying* nas instituições de ensino.

Palavras-chave: *Cyberbullying*. *Bullying*. Psicologia Escolar. Prevenção e promoção da saúde. Saúde Mental.

ABSTRACT:

The present article aims to investigate the occurrence of mental disorders, suicidal ideation, and suicide in adolescents who have experienced cyberbullying, as well as to analyze the role of psychology and school psychology in supporting these victims. Cyberbullying refers to the use of technologies, such as social networks and other social media, to harass, steal passwords, send derogatory images, embarrass, and humiliate another individual, with the internet as the setting. As theoretical support, scientific articles found in Google Scholar, Scielo, and Pepsic were used. This work is a qualitative exploratory narrative literature review. The results showed that adolescents, being in a challenging biopsychosocial developmental stage, become particularly vulnerable to both suffering from and engaging in cyberbullying. Psychology plays an important role in supporting these victims, as it is capable of

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Psicologia e Saúde. Recebido em 14/10/2024, e aprovado, após reformulações, em 13/11/24.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: teixr.carla@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: lucienemoreira@uniacademia.edu.br

carrying out prevention programs and promoting awareness about responsible internet use. In the school context, school psychology is responsible for addressing this issue, seeking solutions to reduce or eliminate the spread of cyberbullying in educational institutions. The present article aims to investigate the occurrence of mental disorders, suicidal ideation, and suicide in adolescents who have experienced cyberbullying, as well as to analyze the role of psychology and school psychology in supporting these victims. Cyberbullying refers to the use of technologies, such as social networks and other social media, to harass, steal passwords, send derogatory images, embarrass, and humiliate another individual, with the internet as the setting. As theoretical support, scientific articles found in Google Scholar, Scielo, and Pepsic were used. This work is a qualitative exploratory narrative literature review. The results showed that adolescents, being in a challenging biopsychosocial developmental stage, become particularly vulnerable to both suffering from and engaging in cyberbullying. Psychology plays an important role in supporting these victims, being able to carry out prevention programs and promote awareness about responsible internet use. In a clinical context, he intervenes in a multidisciplinary team, directly with victims who have mental disorders. In the school context, school psychology is responsible for addressing this issue, seeking solutions to reduce or eliminate the spread of cyberbullying in educational institutions.

Key words: Cyberbullying. Bullying. School Psychology. Prevention and health promotion. Mental Health.

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço das mídias sociais e da conexão virtual entre os indivíduos, fortalecem-se práticas de assédio virtual via internet, as quais podem se caracterizar como *cyberbullying*. Segundo o IBGE⁴, atualmente, o percentual de pessoas com conexão à internet é de 84,9% entre o grupo da faixa de 10 a 13 anos, podendo chegar a 96% quando se trata de jovens de entre 20 e 29 anos. Sendo assim, se faz importante investigar como a presença de *cyberbullying* pode afetar a saúde mental de jovens que experenciam esse fenômeno.

⁴ BELANDI, Caio; 161,6 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade utilizaram a Internet no país, em 2022. **Agência de Notícias IBGE**. 09 de nov. de 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38307-161-6-milhoes-de-pessoas-com-10-anos-ou-mais-de-idade-utilizaram-a-internet-no-pais-em-2022#:~:text=As%20crian%C3%A7as%20e%20os%20idosos,de%2025%20a%2029%20anos> Acesso em 20 mai 2024

Na contemporaneidade⁵ é utilizado o termo **nativo digital** para designar indivíduos que compõem a primeira geração conectada à rede mundial de computadores. Essa geração está crescendo atravessada pelo uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC), o que acaba por refletir no surgimento de uma multiplicidade de questões psicossociais (Wendt; Lisboa, 2013). Jovens da atualidade expõem sua identidade em variados contextos digitais, interagindo em fóruns⁶, blogs⁷ e salas de bate-papo, resultando em demanda por novas redes sociais. Pode ser observado que as redes sociais⁸ se propagam rapidamente, permitindo conexão instantânea à internet em dispositivos móveis a qualquer momento do dia ou da noite. Desta maneira, diante das transformações consequentes da presença de novas tecnologias de interação e formas singulares de expressão de agressividade surge o *cyberbullying* (Wendt; Lisboa, 2013).

O *bullying* é o precursor do *cyberbullying* e, para se abordar o foco deste artigo, se faz necessário conceituar o primeiro. Desta forma, o *bullying* pode ser compreendido como um tipo de ação violenta que ocorre repetidamente, preferencialmente em ambiente escolar. Envolve uma vítima e um agressor, ou um grupo de agressores. Já o *cyberbullying* é uma forma virtual do *bullying*, que tem na internet o cenário onde ocorre a violência. Apesar de ambas as formas de violência causarem constrangimento, há uma diferença significativa entre ambas, já que no *cyberbullying* o agressor e o público espectador podem parecer anônimos e, geralmente, estão em diferentes espaços físicos (Uhle, 2015).

Estudos apontam uma possível associação entre quem sofre *bullying* e *cyberbullying*, sendo os agressores, em sua maioria, do gênero masculino. O *cyberbullying*, geralmente, é mais presente entre alunos de escolas particulares.

⁵ O que acontece na época presente. Disponível em: [https://www.dicio.com.br/contemporaneidade/#:~:text=Significado%20de%20Contemporaneidade,Contempor%C3%A2neo%20%2B%20\(i\)dade](https://www.dicio.com.br/contemporaneidade/#:~:text=Significado%20de%20Contemporaneidade,Contempor%C3%A2neo%20%2B%20(i)dade). Acesso em: 20 mai 2024

⁶ Fórum é um tipo de site que reúne recursos que permite interação entre usuários. Disponível em: [https://www.dicio.com.br/contemporaneidade/#:~:text=Significado%20de%20Contemporaneidade,Contempor%C3%A2neo%20%2B%20\(i\)dade](https://www.dicio.com.br/contemporaneidade/#:~:text=Significado%20de%20Contemporaneidade,Contempor%C3%A2neo%20%2B%20(i)dade). Acesso em: 20 mai. 2024

⁷ Site ou parte de um site que contém conteúdo frequentemente atualizado sobre um ou múltiplos tópicos. Disponível em: [https://www.hostinger.com.br/tutoriais/o-que-e-um-blog#:~:text=Um%20blog%20%C3%A9%20um%20site,de%20blog%20\(blog%20posts](https://www.hostinger.com.br/tutoriais/o-que-e-um-blog#:~:text=Um%20blog%20%C3%A9%20um%20site,de%20blog%20(blog%20posts). Acesso em: 20 mai. 2024

⁸ Redes sociais são estruturas formadas na internet por pessoas e empresas que se conectam a partir de interesse ou valores em comum. Disponível em: <https://muitomaisdigital.com.br/blog/redes-sociais-o-que-sao-e-para-quem-sao/>. Acesso em: 20 mai. 2024

Enquanto os agressores costumam relatar que a indiferença é o sentimento mais associado à prática do *bullying* e do *cyberbullying*, as vítimas relatam sentimentos de tristeza, raiva, medo e revolta (Uhle, 2015). Entretanto, quando se consideram as vítimas, os sentimentos podem não ser as únicas consequências, mas, inclusive, problemas relacionados à saúde mental, como sintomas depressivos, problemas comportamentais, abuso de substâncias (Bottino et al, 2015) e, inclusive, automutilação e ideação ou tentativa de suicídio (Mendes et al, 2021).

Na atualidade, o *cyberbullying* pode ser caracterizado como uma espécie de assédio virtual, onde encontra-se o desejo de prejudicar os sujeitos mais vulneráveis através de calúnias, difamação, ameaça e constrangimento. O grupo mais vulnerável é composto por jovens que, como forma de abrandar o sofrimento causado pelo *cyberbullying*, desenvolvem comportamentos autodestrutivos como automutilação e suicídio (Mendes et al., 2021), problemas comportamentais, sintomas depressivos e abuso de substâncias psicoativas (Bottino et al, 2015). Este conjunto de comportamentos podem caracterizar-se como problemas de saúde mental.

Entende-se saúde mental como um estado de equilíbrio no qual o indivíduo alcança seu potencial, lida com o estresse cotidiano, mantém a produtividade e contribui para a comunidade (OPAS, 2022). A partir deste conceito de saúde mental, que ultrapassa o binômio saúde-doença, é possível inferir que o *cyberbullying* impacta negativamente na saúde mental, reverberando em questões biopsicossociais, conforme elucidado por Uhle (2015) e Bottino et al. (2015). Por isso, justificam-se estudos na área, com a intenção de explorar as implicações do *cyberbullying* na saúde mental das vítimas e melhorar a qualidade de vida na infância e adolescência (Uhle, 2015).

Este artigo consiste numa revisão narrativa qualitativa exploratória, sendo as principais fontes bibliográficas provenientes de artigos científicos disponíveis em plataformas de pesquisa como Google Acadêmico, Scielo e PePsic. As palavras-chave utilizadas na busca foram ***cyberbullying*** e **suicídio**, ***cyberbullying*** e **saúde mental**, ***cyberbullying*** e **psicologia**, ***cyberbullying*** e **adolescência**. Após leitura inicial dos resumos dos artigos encontrados na busca, foram excluídos aqueles que não corresponderam à combinação entre o termo *cyberbullying* e um dos outros termos - suicídio, saúde mental, psicologia e adolescência.

O objetivo principal deste artigo é investigar a ocorrência de transtornos mentais, incluindo a ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio em vítimas que experienciaram o *cyberbullying*. Como objetivos específicos, há a definição de *cyberbullying*, o discorrimento sobre as consequências do *cyberbullying* no desenvolvimento biopsicossocial do adolescente e, por fim, a discussão sobre as contribuições da psicologia frente às vítimas de *cyberbullying*.

2 DEFINIÇÕES

O *cyberbullying* tem seu surgimento de forma recente e tem sua conceituação ainda em construção. O pioneiro a falar especificamente deste modelo de violência é Bill Belsey. O conceito comporta consideráveis sentidos em sua definição, engloba as significações de *bullying*, assédio e agressão. A palavra *bullying* é originária da palavra *bully* que significa, como adjetivo, **valentão** e **tirarizar** ou **brutalizar**, como verbo (Rondina; Moura; Carvalho, 2016). No que tange ao *bullying*, pode-se dizer que esta prática se trata de comportamentos compreendidos como agressivos no ambiente escolar. Para ser caracterizado desta forma, a agressão física e ou verbal deve ser algo repetido e intencional (Neto, 2005). São inúmeras as definições de *cyberbullying*, mas todas elas corroboram entre si que é o ato imprescindivelmente intencional, prejudicial às outras pessoas, em que há repetição de violência, o que gera desequilíbrio de poder entre agressor e vítima no ambiente virtual (Rondina; Moura; Carvalho, 2016).

Os critérios para julgar um ataque como *cyberbullying* são repetição, intencionalidade e ser proposital. Entretanto, a ideia de repetição no *cyberbullying* se difere da repetição encontrada no *bullying*. Como exemplo, pode ser citada a publicação de uma foto na internet ou rede social, e que ela será compartilhada com outros indivíduos sem que o agressor seja envolvido diretamente. Assim, uma única ação do perpetrador gerará a repetição por outras pessoas, o que resultará na afetação da vítima. (Rondina; Moura; Carvalho, 2016). Desta forma, o *cyberbullying* envolve a utilização de ferramentas digitais para ameaçar, constranger, assediar e humilhar outro sujeito, bem como violar senhas pessoais (Wendt; Lisboa, 2013).

Outra forma de *cyberbullying* é o envio de mensagens, divulgação de mídias ofensivas, manipulação de imagens, insultos em anonimato que reverberam em

muitos públicos em curto espaço de tempo. As vítimas de *cyberbullying* são, geralmente, identificadas como indivíduos mais frágeis e com escassos recursos de enfrentamento, que sofrem com o uso de linguagem depreciativa, ameaças e ódio de forma permanente, visto que pessoas do mundo inteiro podem acompanhar e salvar as exposições do *cyberbullying* (Wendt; Lisboa, 2013).

Outra característica marcante do *cyberbullying* é o fato de que a vítima não sabe quando será atacada novamente, porque a internet possibilita que o agressor acesse a vítima de diversas formas e no momento desejado. Aditivamente, é mais difícil localizar agressores que, por este motivo, não têm receio de punição. Enquanto isso, a vítima pode estar suscetível a apresentar problemas pessoais, sintomatologia depressiva e, inclusive, comportamento suicida (Bottino *et al.*, 2015).

A violência pela via do *cyberbullying* tem crescido, pois, no ambiente virtual é possível manter o anonimato através da utilização de contas falsas, possibilitando a ocorrência de comportamentos de agressividade e comentários depreciativos aos demais indivíduos. Esta conduta hostil, quando apontada para o sujeito, pode provocar prejuízos mentais como quadro de depressão, ansiedade e comportamentos autodestrutivo, como, por exemplo, automutilação e suicídio (Mendes *et al.*, 2021).

Junto a isso, por meio de uma análise comparativa entre o período da pandemia e o anterior, Bu *et al.* (2020 *apud* Pereira *et al.*, 2022) mostram o aumento do sentimento de solidão no ano de 2020. Isso ocorreu devido ao isolamento social exigido em meio à pandemia de COVID-19. Conseqüentemente, as relações presenciais do cotidiano passaram a ser somente através do ambiente virtual. Numa pesquisa de revisão integrativa realizada a partir de publicações dos anos de 2020 e 2022, Pereira e colaboradores (2022) concluíram que houve um impacto significativo na saúde mental de crianças e adolescentes em período pandêmico.

Assim, com base em estudos e pesquisas, tem-se que o *bullying* e o *cyberbullying* podem desencadear problemas de saúde mental nos envolvidos no fenômeno, em especial as vítimas, foco de estudo deste artigo. Os adolescentes e jovens são mais suscetíveis ao *cyberbullying*, inclusive, por serem um grupo etário que, desde seu nascimento, utiliza a internet em seu cotidiano para a execução de diferentes tarefas. Durante a pandemia, a maioria das atividades migraram para o espaço virtual e as TIC passaram a intermediar atividades escolares, de lazer, de comunicação, o que possibilitou a manutenção de várias atividades à distância, mas,

ao mesmo tempo, deixou crianças e adolescentes conectados por mais tempo. Isso despertou a atenção de pais, profissionais da educação e pesquisadores de áreas multidisciplinares sobre possíveis consequências negativas associadas ao aumento do tempo de exposição deste grupo etário à internet. Considerando-se a adolescência um período muito peculiar ao longo do desenvolvimento humano, a seguir, pretende-se relacionar algumas características da adolescência ao fenômeno *cyberbullying*.

3 CONSEQUÊNCIAS DO CYBERBULLYING NO DESENVOLVIMENTO BIOPSIKOSSOCIAL DE ADOLESCENTES

Voltando-se aos anos de distanciamento social da pandemia, é possível reconhecer que o *cyberbullying* entre crianças e adolescentes teve sua ocorrência aumentada impactou a saúde mental dos sujeitos (Pereira et al, 2022). De acordo com os pesquisadores, o parece haver uma relação entre o desencadeamento de sintomas de ansiedade, depressão e ideação suicida em casos severos. O público que mais sofre são adolescentes que possuem problemas de saúde mental pré-existentes; indivíduos que sofrem com conflitos familiares, envolvendo negligência e abuso; e mulheres (Pereira et al., 2022).

3.1 ADOLESCÊNCIA

A adolescência, segundo Erikson (*apud* Papalia; Olds; Feldman, 2006), envolve o período entre a infância e a adultez. Sendo mais específico, a adolescência se inicia aos onze ou doze anos e termina aos vinte anos. É uma construção social (Bock; Furtado; Teixeira, 2009) e a perspectiva sobre a idade em que se situa esta faixa etária varia de acordo com os campos de conhecimento, como sociológico, psicológico e as definições legais. Exemplo disso é a exposição do artigo segundo do Estatuto da Criança e Adolescente (Brasil, 2023) que define, no Brasil, como adolescentes todos os indivíduos com idade mínima de doze anos e máxima de dezoito anos.

Ademais, a puberdade, essa que se revela no início da adolescência, é uma fase repleta de transformações, principalmente hormonais, as quais influenciam as emoções daqueles que a vivenciam. É um momento em que surgem oportunidades de desenvolvimento em todos os domínios, o que inclui crescimento físico e cognitivo,

habilidades envolvendo autonomia e senso de autoestima. Porém, esse período pode ser atravessado por perigos devido à dificuldade que alguns adolescentes encontram para experienciar este momento de forma saudável (Papalia; Olds; Feldman, 2006). O *Bullying* e o *Cyberbullying* são exemplos destes fenômenos que ocorrem na infância e, principalmente, na adolescência (Uhle, 2015) e oferecem riscos potenciais.

Devido às mudanças físicas e psicológicas provocadas pela puberdade, grande parte dos adolescentes não gostam da imagem corporal que possuem quando se deparam com o espelho. Ocorrem mudanças psicológicas envolvendo a maturação precoce ou tardia de meninos e meninas, o que depende da maneira como as pessoas e o ambiente dos adolescentes interpretam essas mudanças (Papalia; Olds; Feldman, 2006). No que se refere ao desenvolvimento psicossocial, é o momento em que o adolescente experencia novas oportunidades na área romântica e educacional, juntamente à tentativa de participar da sociedade adulta. Segundo Erikson (*apud* Papalia; Olds; Feldman, 2006), outro ponto crucial no desenvolvimento da adolescência é a crise de identidade, ou seja, ocorre uma busca pelo próprio eu. Desse modo, a grande tarefa é confrontar a crise de identidade versus a confusão de identidade, e isso resultará em um adulto singular e com senso de identidade. Esta é uma tarefa dispendiosa, pois o adolescente transforma e sintetiza exemplos anteriores, o que possibilita uma nova estrutura psicológica, na qual o indivíduo organiza suas necessidades e interesses.

3.2 VIOLÊNCIA E SAÚDE MENTAL NA ADOLESCÊNCIA: OS IMPACTOS DO CYBERBULLYING

Bock, Furtado e Teixeira (2009) argumentam que o fenômeno do adolescente implicado na violência é complexo, visto que existe uma associação direta, em países com melhor economia e países subdesenvolvidos, entre violência e adolescência, sendo tratado como uma nova classe perigosa, sendo este um grupo vulnerável a mesma. Assim, ao refletir sobre a violência, é preciso que se pense no adolescente como agente difusor e como vítima do fenômeno. É necessário considerar as condições de vulnerabilidade relacionadas à origem social, pois a sociedade não faz com que a segurança seja direito de todos. Além disso, é preciso estar ciente de que o adolescente pode encontrar a violência em seu âmbito familiar, sendo ela violência

física, verbal, sexual e social. A pesquisa **Atlas da Violência**, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada IPEA e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (BRASIL, 2023), mostra que, em 2021, 24.217 jovens entre 15 e 29 anos foram assassinados no Brasil, o que representa 66 pessoas desta faixa etária mortas por dia.

Quando se volta à violência escolar e, mais especificamente, para o *bullying*, pode-se considerar que o aspecto individual é considerado como constituinte e formador da subjetividade e ao colocar no sujeito como centro de culpa pelas violências, acaba-se por isentar a sociedade e suas instituições da responsabilidade pela reprodução e produção que favorecem o estado de violência presente nas relações entre sujeitos. Dessa maneira, as representações sociais negativas ou positivas e preconceitos estariam presentes em muitos modos de *bullying* (UFMT *et al.*, 2018). Assim, fica perceptível que, atualmente, tudo isso ultrapassa o espaço físico escolar e atinge a internet.

O acesso aos meios de comunicação eletrônica, como a internet, e o uso de mensagens de texto reverberou na interação social entre adolescentes nesta década, que tem como objetivo criar e manter redes de amizade e relacionamentos afetivos, mas pode, inclusive se transformar no meio para disseminação do cyberbullying. Evidências indicam que aproximadamente 20% a 40% dos adolescentes terão ao menos uma vivência de *cyberbullying* ao longo da vida, e o crescimento do número de vítimas é constante. Assim, a vitimização relativa ao *cyberbullying* está vinculada a problemas sociais e de comportamento, incluindo depressão, abuso de substâncias, tentativas de suicídio e suicídio (Bottino *et al.*, 2015). Em meio ao contexto natural do desenvolvimento, marcado por transformações, incertezas e busca da identidade, quando o adolescente vivencia experiências muito negativas é exposto a mais sofrimentos os quais podem, também, potencializar ou representar gatilhos para problemas de saúde mental.

O *cyberbullying* é um problema sério que impacta negativamente na saúde mental das vítimas deste tipo de violência (Bottino *et al.*, 2015; Mendes *et al.*, 2021). Os agravos em saúde mental caracterizam-se como sérios problemas de saúde pública, em especial nas Américas, entretanto, observa-se que o tema não é devidamente priorizado (OMS, 2018, 2021, *apud* OPAS, 2022). Isso acaba por acarretar sérias consequências em quem sofre de algum problema de saúde mental, suas famílias e a sociedade como um todo. Compreende-se saúde mental como:

Um estado de bem-estar em que o indivíduo realiza suas capacidades, supera o estresse normal da vida, trabalha de forma produtiva e frutífera e contribui para sua comunidade. A saúde mental é um componente integral da saúde e bem-estar é muito mais do que não ter doenças (OMS, 2013, p.8).

Assim como no bullying tradicional, o *cyberbullying* resulta consequências psicológicas como baixa autoestima, sendo essa a de maior incidência, seguido por depressão, fobia social e ansiedade. Há também respostas emocionais nas vítimas como raiva, desapontamento, depressão, frustração, vulnerabilidade e medo, entretanto, reações que mudam de acordo com a subjetividade do sujeito (Frisén; Jonsson; Persson, 2015 *apud* Schreiber; Antunes 2015). Além de causar isolamento social, ansiedade, baixa autoestima, também pode resultar em insatisfação corporal. A constante exposição a imagens idealizadas nas mídias sociais pode influenciar na percepção do corpo, o que acaba por contribuir com o surgimento ou o agravamento de transtornos alimentares como anorexia nervosa e bulimia nervosa (Cunha *et al*, 2023). Também pode haver consequências como insônia, enurese, ansiedade, dores de cabeça e dores abdominais (Schreiber; Antunes, 2015).

Pegorin e colaboradores (2021) realizaram uma revisão integrativa visando encontrar evidências sobre as consequências do *bullying* e *cyberbullying* homofóbicos na saúde mental de estudantes. Os pesquisadores perceberam que os estudantes LGBTQIA+ vítimas destes tipos de violência apresentaram mais problemas de saúde mental (se comparados aos estudantes heterossexuais), os quais se agravam nos estudantes que não têm apoio social ou dos pais. Como consequências, encontram-se ansiedade, depressão, baixa autoestima, problemas de somatização, sofrimento psicológico grave, estresse pós-traumático e suicídio.

A palavra suicídio descende do latim *sui caedes*, sendo *sui* **si mesmo**, juntamente com *caedes*, que significa **ação de matar**, ou seja, denota morte premeditada. Dessa forma, atitudes que resultem em lesão em si próprio são comportamentos suicidas, os quais consistem em três momentos: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio realizado. A ideação suicida equivale aos pensamentos de autodestruição, acarretando desejos e planos de dar fim à própria vida, enquanto a tentativa de suicídio é a ação de provocar danos em si mesmo, sem a letalidade, que resultaria em suicídio propriamente dito (Moreira; Bastos, 2015). Ao falar sobre suicídio na adolescência, é possível afirmar que, segundo o boletim epistemológico

de 2021, do Ministério da Saúde, há um aumento visível da taxa de suicídio de adolescentes, alcançando o índice de 81% entre os anos de 2010 e 2019 (Brasil, 2021).

Segundo Sabatella *et al.* (2013 *apud* Bindean, 2017), não há relação direta entre *cyberbullying* e suicídio, o que existe é uma correlação entre *cyberbullying* e suicídio em conjunto com o isolamento social, a depressão e outros transtornos mentais. Entretanto, um estudo feito na Austrália, com jovens entre dez e vinte e cinco anos, constatou que 3% dos indivíduos tiveram ideação suicida após serem vítimas de *cyberbullying* e 2% chegaram a cometer lesões autoinfligidas pela mesma razão.

Outro estudo realizado por Litwiller e Brausch (2013 *apud* Bindean, 2017) com adolescentes entre quatorze e dezenove anos concluiu que o *cyberbullying* pode causar comportamentos suicidas, uso de substâncias ilegais, comportamentos violentos e atividade sexual não protegida. Ademais, ao comparar as vítimas de *cyberbullying* com pessoas que nunca experienciaram essa situação, as vítimas têm maiores chances de desenvolver pensamento e tentativa de suicídio (Bindean, 2017).

De acordo com um estudo transversal concretizado por Kanyinga-Sampassa (2014 *apud* Bindean, 2017) com adolescentes na faixa etária entre doze e dezessete anos, o *cyberbullying* pode levar sujeitos a comportamentos suicidas, também podendo acarretar planejamento do suicídio quando associado à depressão. Para além disso, em um inquérito efetuado entre adolescentes canadenses, por Bonanno e Hymel (2013 *apud* Bindean, 2017), é possível concluir que o *cyberbullying*, quando comparado ao *bullying*, tem efeitos superiores na sintomatologia da depressão e de ideação suicida. O estudo também aponta que a ideação suicida tem maior impacto, pois as vítimas sentem o desdém diante esse tipo de violência que, quando anônimo, está fora de controle. Desta forma, fica evidente que a vitimização por *bullying* e *cyberbullying* é um fator social que precisa de atenção, o que será abordado a seguir.

4 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA FRENTE ÀS VÍTIMAS DO CYBERBULLYING

Sabe-se que o *cyberbullying* é um fenômeno extremamente prejudicial e traz consequências negativas para as vítimas, quem pratica e, inclusive, os expectadores, o que destaca a relevância de ações que visem a prevenir antes que o problema

ocorra e intervir em situações nas quais o problema já está instalado. Intervenções clínicas individuais não são suficientes frente às dimensões deste fenômeno, por isso, é importante pensar em estratégias de enfrentamento mais complexas, em especial que envolvam a comunidade como um todo (Schreiber; Antunes, 2015). Entretanto, o foco deste artigo são as vítimas do *cyberbullying*, por isso, as discussões desta seção serão direcionadas para este público-alvo.

O psicólogo:

[...] aplica conhecimento teórico e técnico da psicologia, com o objetivo de identificar e intervir nos fatores determinantes das ações e dos sujeitos, em sua história pessoal, familiar e social, vinculando-as também a condições políticas, históricas e culturais (CFP, 2008, p.1)

Este profissional busca agir para que a atuação dos sujeitos seja mais potente, e voltada para a satisfação de desejos para si e para o meio em que estão inseridos. Dessa forma, a grande finalidade do psicólogo é a promoção de saúde (Bock; Furtado; Teixeira, 2009). Durante grande parte do tempo em que a psicologia foi instaurada no Brasil, psicólogos tratavam de **desajustamentos**, transtornos e distúrbios através de atendimentos clínicos individuais e remediativos. Isso foi resultado de formações que davam grande importância a esse papel, fazendo com que houvesse aliança entre o modelo médico vigente da época. É para pequena parte da população que a intervenção hegemônica na psicologia, com as características citadas, era destinada. Esse não era o único problema dessa psicologia, feita por e para a elite social. Ela, além do que foi dito, também reproduzia o corpo de conhecimento que servia para responder as questões da classe dominante. Desta forma, essa intervenção está marcada pela culpabilização da vítima, pela ideia de que as desordens psicológicas e psicopatológicas são inerentes ao indivíduo e pela descontextualização do sujeito em seu meio, priorizando seu isolamento (Lacerda Jr.; Guzzo, 2006).

Todavia, Lacerda Jr. e Guzzo (2006) apontam que, nos anos cinquenta, surgiram críticas a esse modelo remediativo que se encontrava na psicologia. Além disso, essa forma de tratar era de alto custo e não reduzia a incidência de doenças mentais. Neste momento se inicia busca por resoluções no campo da saúde mental. No Brasil, precisamente, começaram os questionamentos que permitiram que a psicologia atual caminhasse tomando o homem também em seu caráter histórico e

social. Dessa maneira, surge a prevenção primária (PP) como alternativa para a saúde mental, sendo ela uma intervenção que busca atingir grupos e modificar a sociedade que reproduz o sofrimento. A prevenção primária, elemento da saúde pública, nasce em meio a desafios como divergências conceituais e utilização de diferentes estratégias. Houve, junto a esse movimento, certo período para provar, através de produção acadêmica, que a prevenção primária era eficaz e possível.

A prevenção se divide em três níveis: prevenção primária, prevenção secundária e prevenção terciária. A prevenção primária consiste em um programa com ações voltadas para um grupo amplo de indivíduos, antes do surgimento de doenças e é marcada pelo caráter educativo. No que tange à prevenção secundária, ela trabalha com fatores de risco e tem como objetivo evitar que o problema se torne crônico. E, por fim, a prevenção terciária busca reabilitar e diminuir os efeitos de doenças já estabelecidas na sociedade (Goldston, 1980 *apud* Lacerda; Guzzo, 2006). Esses conceitos serão retomados a seguir.

Mesmo que o *cyberbullying*, diferentemente do *bullying*, não se restrinja aos limites territoriais da escola, faz-se necessário compreender como um fenômeno que, direta ou indiretamente, associa-se à escola, local em que adolescentes passam parte de seu dia e, além de receberem educação formal, estabelecem relações interpessoais com as pessoas que ali também convivem.

4.1 A PSICOLOGIA ESCOLAR

O *cyberbullying* é um fenômeno encontrado na escola predominantemente e, a partir disso, é possível compreender que a escola, em conjunto com a família, são as principais redes de apoio de indivíduos que sofrem esta forma de violência, contribuindo para a saúde mental e social (Silva *et al*, 2023). Sharfi (2011 *apud* Schreiber; Antunes, 2015) afirma que a sociedade, a família e a escola exercem as principais influências ligadas a esse fenômeno. Um profissional da equipe multiprofissional na escola que merece destaque neste contexto é o psicólogo escolar.

O histórico da Psicologia Escolar também carrega o viés apresentado por Lacerda e Guzzo (2006) e reforçado anteriormente. Segundo Cassins (2007), na transição entre os séculos XX e XXI, esta área da psicologia voltava-se para a

avaliação psicológica e individual de crianças e adolescentes com suspeita de deficiência ou outras condutas atípicas.

Atualmente, a psicologia escolar e educacional tem como referência conhecimentos específicos no que tange ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Este conhecimento é usado para compreender os processos de aprendizagem. A psicologia escolar tem como enfoque o aperfeiçoamento do ensino e da aprendizagem, porém, não se restringe a essas questões. A participação do psicólogo escolar é fundamental em uma equipe multiprofissional, pois será ele quem irá coordenar estratégias, ações e dará apoio ao professor para trabalhar com questões heterogêneas. (Cassins, 2007). O psicólogo escolar:

Colabora para a compreensão e para a mudança do comportamento de educadores e educandos, no processo de ensino aprendizagem, nas relações interpessoais e nos processos intrapessoais, referindo-se sempre as dimensões política, econômica, social e cultural (CFP, 2008, p.5).

O Conselho Federal de Psicologia, em sua nota técnica 08/2023 (CFP, 2023), enfatiza a importância da prevenção e do enfrentamento as violências nas escolas. A partir dela, é possível perceber a preocupação que se tem com a violência que, por sua vez, é um fenômeno complexo e multideterminado, presente na sociedade cercada por desigualdade econômica e social. O Conselho Federal de Psicologia considera de grande relevância a defesa de uma escola gratuita, de qualidade e comprometida com o enfrentamento de violências e com a proteção dos jovens.

A psicologia no ambiente escolar tem como um de seus grandes desafios o acompanhamento do desenvolvimento de inúmeras crianças e jovens, então ela volta seu olhar para essa questão. Se faz valoroso que a psicologia escolar reconheça os diversos tipos de violência para que haja o enfrentamento dela, seja por meio da escuta de seus alunos ou através de ações em sala de aula. Além disso, ela também orienta as equipes educacionais a integrarem a família neste processo. Não é necessário apenas grande engajamento, por parte da psicologia, na realidade escolar cotidiana, é preciso que seja usado o conhecimento científico que abarca a psicologia, sem esquecer de que se trata da psicologia escolar. Dessa forma, estando integrado a rede, o psicólogo escolar deve voltar sua atenção para a promoção de direitos e a proteção integral de crianças e jovens (CFP, 2023).

A escola pode ser um lugar hostil para o adolescente, onde ele pode viver situações de humilhação e profecia de fracasso, prejudicando sua autoimagem e autoestima, ainda que tenha como dever a formação de novas gerações (Bock; Furtado; Teixeira, 2009). Embora seja evidente para professores e outros profissionais da educação, na geração atual, os casos de *cyberbullying* estão aumentando, por isso é fundamental abordar esse assunto nas escolas. A escola compartilha a responsabilidade nestes casos, pois é onde os comportamentos agressivos e transgressores se manifestam ou se intensificam (Schreiber; Antunes 2015).

Voltando-se aos três níveis de prevenção definidos anteriormente - prevenção primária, secundária e terciária (Goldston, 1980 *apud* Lacerda; Guzzo, 2006) - é possível pensar em estratégias de enfrentamento ao *cyberbullying*, a maioria delas envolvendo a Psicologia Escolar, como exposto a seguir. Segundo Dulark e Wells (1997 *apud* Lacerda Jr.; Guzzo, 2006), há duas lógicas de prevenção primária em saúde mental: uma tem como objetivo preceder as desordens mentais através da identificação de fatores de risco e a outra tem como foco desenvolver o bem-estar por meio dos fatores de proteção.

Na prevenção primária se faz importante trabalhar com programas de prevenção que, especialmente, envolvam toda a sociedade. Existem casos da ocorrência de episódios únicos de *bullying* que migram da escola para o mundo virtual e se tornam *cyberbullying*. Por causa de sua grande repetição na internet, se faz preciso trabalhar de maneira preventiva, com a conscientização do uso da internet. Além disso, devido a reprodução psicológica e física do *bullying* e do *cyberbullying*, no que tange às vítimas e agressores, não é mais viável pensar somente em intervenções clínicas individualizadas, vale pensar em um amplo programa de enfrentamento que circunde toda a sociedade. As evidências expostas e disponíveis sobre agressão entre colegas na escola e em casa indicam que há necessidade de um programa preventivo sobre *bullying* e *cyberbullying*, que pode ser uma estratégia de prevenção contra casos de vítimas e agressores que esbarram no suicídio. Também se faz preciso conscientizar os indivíduos sobre o uso responsável da internet, uma vez que há casos extremos de *cyberbullying* (Schreiber; Antunes, 2015).

Estratégias de prevenção podem ser realizadas para se promover melhorias nas habilidades interpessoais dos jovens que desejam se comunicar utilizando ferramentas on-line, a fim de evitar comportamentos de risco, como postar

informações pessoais, dentre outros, visando diminuir a vulnerabilidade diante do *cyberbullying*. Desta forma, se faz relevante que pais, educadores e profissionais da saúde se promovam discussões acerca dos riscos da comunicação on-line, e é interessante que haja auxílio aos adolescentes para que lidem com o *cyberbullying* se o mesmo acontecer (Bottino *et al.*, 2015).

Na prevenção secundária, atuando-se junto a grupos que já apresentam algum fator de risco, é possível trabalhar, na escola, questões como imagem corporal, transtornos mentais e gênero. Neste sentido, encontraram evidências de que há uma relação entre imagem corporal na adolescência, depressão e transtornos alimentares com o *bullying* e o *cyberbullying* (Oliveira *et al.*, 2021). Num outro estudo (Pegorin *et al.*, 2021), os pesquisadores reforçam que a vitimização por *bullying* e *cyberbullying* são fenômenos sociais que necessitam de maior atenção, visto que, quando os atos violentos são de cunho homofóbico, pode haver impactos negativos na saúde mental dos estudantes.

A comunidade escolar precisa ficar atenta à ocorrência de práticas de *bullying* e *cyberbullying* junto ao seu corpo discente, mesmo quando se expressam na forma de brincadeiras inofensivas, pois, segundo Pegorin e colaboradores (2021, p.67), intervenções que promovam “[...] o apoio, comunicação e conscientização da escola, família, adolescentes e crianças sobre violência e questões de gênero, de modo a estimular a socialização e aceitação dos estudantes, além da própria valorização da diversidade”.

Na intervenção secundária o foco pode ser nas vítimas, visando confortá-las e estimular a denúncia (Rondina; Moura; Carvalho, 2016). Vale também dizer que é papel do psicólogo escolar integrar conhecimento teórico e métodos específicos para acolhimento, orientação e aconselhamento no contexto da escola, pois, a intervenção do psicólogo escolar se diferencia do ponto de vista clínico. Ademais, é preciso mapear o cotidiano dos envolvidos no ambiente escolar e permitir reflexões a partir das experiências desses indivíduos. Entretanto, a prevenção não pode ficar atrelada apenas ao trabalho com os estudantes, toda a equipe escolar deve ser convidada a pensar sobre temas que envolvem a psicologia e a educação (CFP, 2023).

Finalmente, na prevenção terciária, o CFP (2023) enumera algumas ações de resposta e prevenção à violência na escola, das quais se destacam articular o trabalho com os equipamentos de rede de proteção, colaboradores e a própria comunidade

escolar, ressaltando-se que as necessidades evidenciadas após uma crise tendem a se modificar com o passar do tempo, por isso, o psicólogo deve estar sempre atento para acompanhar a mudanças das demandas e prioridades. O psicólogo deve ter senso crítico para evitar diagnósticos precipitados, considerando-se que o sofrimento ou a violência em si não devem ser considerados isoladamente, mas, como parte de um amplo contexto. A elaboração de estratégias de acolhimento coletivas e individuais devem atender às reais necessidades das pessoas envolvidas no fenômeno, considerando-se que as reações são variadas. Importante que as pessoas tenham espaço para expressar seus sentimentos e sentirem-se próximas das outras pessoas, de forma a obterem suporte social. Ao invés de promover intervenções que envolvam somente os alunos, é importante incluir professores e familiares. Neste sentido, Rondina, Moura e Carvalho (2016) também elucidam que as intervenções terciárias devem envolver a família e a comunidade.

Reafirma-se a importância da Psicologia Escolar, entretanto, considerando-se os impactos na saúde mental das vítimas de *cyberbullying*, em muitos casos, o encaminhamento do adolescente para a Psicologia Clínica é extremamente necessário. Esta área de atuação da psicologia, de acordo com o CFP (2008), pode ser definida como uma de atuação particular da saúde que busca colaborar com a compreensão de processos intra e interpessoais, por meio do ponto de vista preventivo ou curativo, de forma isolada ou em equipe multiprofissional. O psicólogo que atua nesta área pode realizar pesquisa, diagnóstico e acompanhamento psicológico através de diversas abordagens psicológicas.

A Psicologia Clínica pode intervir, junto às vítimas do *cyberbullying*, em situações que envolvam a elaboração de baixa autoestima, sendo depressão, fobia social, ansiedade (Frisén; Jonsson; Persson, 2015 *apud* Schreiber; Antunes 2015), insatisfação corporal, inclusive, com presença de anorexia nervosa e/ou bulimia nervosa (Cunha *et al*, 2023), comportamentos suicidas, uso de substâncias ilegais, comportamentos (Litwiller; Brausch, 2013 *apud* Bindean, 2017), dentre outros transtornos mentais e comportamentais de diferentes níveis de gravidade.

Também não se pode deixar de considerar a importância das pesquisas na área. Considerando-se a seriedade do *cyberbullying* e o fato deste ser um fenômeno relativamente novo, as pesquisas podem auxiliar numa maior compreensão do fenômeno e, inclusive, no desenvolvimento de estratégias de intervenção mais

eficazes. Neste sentido, se faz importante que as pesquisas presentes e futuras abranjam o ponto de vista de todos os envolvidos em *cyberbullying* e que as pesquisas de caráter quantitativo busquem revelar a quantidade de ocorrência dele. Há também de se ter grande cuidado com sua definição, visto que, se for demasiadamente abrangente, qualquer violência poderia se encaixar em *cyberbullying*, como o preconceito. Deve-se também levar em consideração a cultura midiática e virtual onde ocorre a pesquisa e muitos outros aspectos que podem ajudar a prevenir este fenômeno (Schreiber; Antunes, 2015).

A pesquisa Violência e Preconceito nas Escolas, organizada pela Universidade Federal do Mato Grosso e pelo Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira e publicada pelo Conselho Federal de Psicologia (UFMT *et al.*, 2018), que foi realizada entre os anos 2013 e 2015, apresenta grande contribuição para pensar e repensar o preconceito e a violência no contexto escolar. Com as evoluções acontecendo, não é possível que os psicólogos e educadores ignorem as formas cada vez mais visíveis de preconceito e de atos de violência. No que se refere à realidade virtual, há a presença de visões preconceituosas e de violência que se apresentam como uma maneira de ser e estar no mundo que acabam por promover poucos indivíduos e excluir o restante da sociedade. Ainda, reverberam nelas a criação de ilusões de felicidade e produção de inúmeras formas de tristeza. As marcas de sofrimento estão impregnadas no cotidiano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *cyberbullying* é uma forma de assédio que ocorre no ambiente virtual, em especial, em redes sociais, aplicativos de mensagens e outras plataformas digitais. Ao pensar neste fenômeno, se faz importante considerar sua complexidade, visto que, ele está relacionado a muitos fatores, como o contínuo alastramento da violência, a dificuldade de se localizar o agressor e as consequências psicológicas para as vítimas. Alguns outros fatores implicados na complexidade desta violência são o alcance e a permanência do *cyberbullying* nas redes sociais, além da falta de limites físicos, o que permite que o agressor tenha contato, por meio da internet, com a vítima sempre que desejar.

Todos os envolvidos neste fenômeno requerem atenção da psicologia - em estratégias que ultrapassem o atendimento individual e envolvam a sociedade como um todo - e devem ser objeto de estudo para pesquisas futuras. Todavia, como o olhar deste artigo é voltado para os transtornos mentais que assolam as vítimas desta violência, a atenção voltou-se a este público-alvo. A prevalência de transtornos mentais entre as vítimas de *cyberbullying* é sinalizada em pesquisas apresentadas ao longo desta revisão. O número de pesquisas na área não é tão vultoso, principalmente quando se trata da relação entre suicídio e *cyberbullying*, tema que merece maior investigação por meio de pesquisas científicas. Artigos citados ao longo deste trabalho apontam que o *cyberbullying* pode estar correlacionado com baixa autoestima, ansiedade, depressão, isolamento social e ideação suicida. Desta forma, apesar de ressaltar-se a importância das estratégias em intervenção primária, secundária e terciária na escola, é imprescindível que a vítima receba apoio de um psicólogo clínico – preferencialmente, enquanto parte da equipe multiprofissional de saúde – e, a depender do caso, que seja amparado também pela sociedade, a qual deve se implicar no enfrentamento deste fenômeno.

É visível também os esforços do Conselho Federal de Psicologia na luta contra a violência nas escolas – o que inclui o *cyberbullying*, mesmo que este não ocorra exclusivamente nos limites territoriais da escola - papel desempenhado pelo psicólogo escolar, que busca, junto ao corpo docente e à equipe multidisciplinar da escola, criar ações preventivas em sala de aula e, com o apoio da comunidade, essa que pode ser rede de apoio à vítima, abordar esse assunto fora dos muros das escolas. Além disso, para maior proteção da vítima, se faz pertinente que ela procure ajuda – com orientação da escola, ajuda da família ou, inclusive, sozinha, caso não tenha conseguido pedir ou obter ajuda das instituições supracitadas - dos dispositivos de proteção em rede. O Conselho Tutelar, que protege crianças e adolescente de assédios e violências, garantindo os direitos deles. Há o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que, apesar de não se envolver diretamente em casos de *cyberbullying*, pode oferecer apoio contra violências e dar suporte psicossocial.

Por fim, se faz pertinente lembrar dos programas de prevenção primária realizados por psicólogos, que objetivam anular o problema antes que ele se propague, algo que pode ser caracterizado como imprescindível. Concluindo, com a construção deste artigo, foi possível perceber que, apesar do *bullying* ser algo

grandemente explorado, há relativamente poucas pesquisas sobre *cyberbullying* e sua relação com a saúde mental.

Na contemporaneidade, com o avanço da tecnologia e com a necessidade de se estar conectado, surgem novas formas de violência quando se trata de redes sociais e demais mídias digitais, que vão desde o *cyberbullying* ao cancelamento. Ademais, percebe-se que esta violência denominada *cyberbullying* é um fenômeno que se faz um desafio complexo atualmente, afetando o bem-estar psicológico e emocional. O alcance da internet exacerba o impacto das agressões, o que acaba por tornar a vítima mais vulnerável e suscetível a transtornos mentais. É papel da psicologia dar contorno às vítimas de *cyberbullying*, pois sofrem grande exposição, e convocar a sociedade, por meio de programas de prevenção, contando com o apoio do Estado, para juntos fazer com que não se normalize este abuso de poder entre agressores e vítimas.

REFERÊNCIAS

- BINDEAN, Diana Ramona; **Cyberbullying e suicídio em adolescente: Que ligação?** Dissertação (Mestrado em Medicina). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2017. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/82491?locale=pt> Acesso em 20 mai. 2024.
- BOCK, Ana Maria M.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente e normas correlatas**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/612011/eca_e_normas_correlatas_2ed.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico SVS nº 33**. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf. Acesso em: 11 out. 2024.
- BRASIL. Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA. **Atlas da Violência 2023: Violência contra a juventude**. 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/277/atlas-2023-violencia-contra-a-juventude> Acesso em 11 out. 2024.
- BOTTINO, Sara et al. Repercussões do cyberbullying na saúde mental dos adolescentes. **Revista debates em psiquiatria**, v.5, n.2, Mar/Abr 2015. Disponível em: <https://revistardp.org.br/revista/article/view/171> Acesso em 20 mai. 2024.
- CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 7, n. 12, p.591-613, jul./dez. 2025 – ISSN 2674-9483.

CASSINS, Ana Maria. **Manual de Psicologia Escolar / Educacional**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado, 2007. Disponível em: <https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/157.pdf> Acesso em: 08 out. 2024.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Atribuições Profissionais dos Psicólogos no Brasil**. 2008. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf Acesso em: 03 set. 2024.

CFP. **Nota Técnica CFP N° 8/2023**: a Psicologia na prevenção e enfrentamento à violência nas escolas. Brasília: CFP, 2023. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/05/nota-tecnica-violencia-nas-escolas.pdf> Acesso em 10 out. 2024.

CUNHA, Alinne Layanne Santos da et al. Desafios psicológicos na era digital: cyberbullying, autoimagem e transtornos alimentares. **IX Conedu**, 2023. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD4_ID12676_TB4458_17112023134935.pdf Acesso em 20 mai. 2024.

LACERDA JR., Fernando; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Prevenção primária: análise de um movimento e possibilidades para o Brasil. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v.9, n.2, p. 239-249, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernando-Lacerda-Jr/publication/273025222_Primary_prevention_a_movement_analysis_and_possibilities_to_Brazil_Prevencao_primaria_analise_de_um_movimento_e_possibilidades_para_o_Brasil/links/5587ebef08aef58c03a06bc6/Primary-prevention-a-movement-analysis-and-possibilities-to-Brazil-Prevencao-primaria-analise-de-um-movimento-e-possibilidades-para-o-Brasil.pdf Acesso em 02 ago. 2024.

MENDES, Ana et al. Covid-19 e o uso abusivo da internet: O cyberbullying é um fator de risco para suicídio no Brasil? **Research Society and Development**, v.10, n.7 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/352979108_Covid-19_e_o_uso_abusivo_da_internet_O_cyberbullying_e_um_fator_de_risco_para_o_suicidio_no_Brasil Acesso em 20 mai. 2024.

MOREIRA, Lenice. BASTOS, Paulo. Prevalência e fatores associados a ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, Setembro/Dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/d6wbJxC3KF5QZ7sJb67kVPr/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 mai. 2024.

NETO, Aramis A. Lopes. Bullying: Comportamento Agressivo entre Estudantes. **J. Pediatria**. Rio de Janeiro. Novembro de 2005. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/jped/a/qvDCjhqgsGZCjttLZBZYtVq/?lang=pt#v> > Acesso em 09 de out. 2024.

OLIVEIRA, Priscila dos Reis; Silva, Marta Angélica Iossi; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; SILVA, Jorge Luiz da. Relações entre bullying e imagem corporal na adolescência: revisão integrativa da literatura. In: ANTONIASSI JR, Gilmar; BERETTA, Regina Célia de Souza; BORGES, Marilurdes Cruz. **Contribuições da psicologia na promoção da saúde psicossocial para a sustentabilidade**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2021, p.52-68. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luciano-Pereira-Junior/publication/357475820_ASSEDIO_MORAL_RELACOES_DE_GENERO_E_QUALIDADE_DE_VIDA_caracteristicas_do_trabalho_no_Brasil/links/624e1fc04f88c3119ce45a58/ASSEDIO-MORAL-RELACOES-DE-GENERO-E-QUALIDADE-DE-VIDA-caracteristicas-do-trabalho-no-Brasil.pdf#page=52 Acesso em 20 mai. 2024.

OPAS/OMS. **170º sessão do comitê executivo. Washington, 2022**. Disponível em: https://www.paho.org/sites/default/files/ce170-15-p-politica-saude-mental_0.pdf Acesso em 02 abr 2024

OMS. **Plan de acción integral sobre salud mental 2013-2030**. Genebra: OMS; 2013. Disponível em: https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA66/A66_10Rev1-sp.pdf. Acesso em 28 mar 2024

PAPALIA, E. Daiane. OLDS, Sally W.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEGORIN, Laura Costa et al. Impactos do Bullying e Cyberbullying homofóbicos na saúde mental de estudantes. In: ANTONIASSI JR, Gilmar; BERETTA, Regina Célia de Souza; BORGES, Marilurdes Cruz. **Contribuições da psicologia na promoção da saúde psicossocial para a sustentabilidade**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2021, p.52-68. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luciano-Pereira-Junior/publication/357475820_ASSEDIO_MORAL_RELACOES_DE_GENERO_E_QUALIDADE_DE_VIDA_caracteristicas_do_trabalho_no_Brasil/links/624e1fc04f88c3119ce45a58/ASSEDIO-MORAL-RELACOES-DE-GENERO-E-QUALIDADE-DE-VIDA-caracteristicas-do-trabalho-no-Brasil.pdf#page=52 Acesso em 20 mai 2024.

PEREIRA, Isabela Fernandes de Melo et al. O impacto do cyberbullying na saúde mental de crianças e adolescentes durante a pandemia de Covid-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, e226111032446, 2022. Disponível em <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32446> Acesso em 20 mai 2024.

RONDINA, João Marcelo; MOURA Julia Lucila; CARVALHO, Monica Domingues. Cyberbullying: O complexo Bullying da era digital. **Re. Saúd. Digi. Tec. Edu.**, Fortaleza, CE, v. 1, n. 1, p. 20-41, jan./jul. 2016. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20049/1/2016_art_jmroundina.pdf Acesso em 20 de mai. 2024

SCHREIBER, Fernando Cesar de Castro; ANTUNES, Maria Cristina. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Bol. Acad. Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 35, n. 88. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2015000100008 Acesso em 20 de mai. 2024

SILVA, Bianca Vitoria Vasconcelos da et al. Cyberbullying e seus reflexos na saúde mental e social de crianças e adolescentes. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 11, 2023. Disponível em <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2385/1658> Acesso em 20 mai. 2024.

UFMT *et al.* **Violência e preconceito na escola**: contribuições da psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/07/violencia-e-preconceitos-na-escola.pdf> Acesso em 01 out. 2024.

UHLE, Rita de Cassia Sprea. **Cyberbullying e Bullying entre crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio**. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/64708/R%20-%20D%20-%20RITA%20DE%20CASSIA%20SPREA%20UHLE.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 20 mai. 2024.

WENDT, Guilherme. LISBOA, Carolina. Agressão entre pares no espaço virtual: Definições impactos e desafios do cyberbullying. **Psicologia Clínica**, v.25, n.1, p.73-87, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/N83JQXXmpnxNkQNwcVvmZgh/?lang=pt> Acesso em 20 mai. 2024.